

Fiando a palavra: *Com Fio no Conto*

Paula Gus Gomes, Sofia Tessler de Sousa, Livia Dávalos e Eduarda Xavier

O presente trabalho parte da experiência do coletivo de contação de histórias *Com Fio no Conto*. O coletivo atua na cidade de Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul, e se insere no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos/Espaço Educativo da Fundação de Atendimento à Deficiência Múltipla (Fadem), através da realização de oficinas de contação de histórias para grupos de crianças. Vinculado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como um projeto de extensão, o *Com fio no conto* é integrante do Núcleo de Pesquisa em Psicanálise Educação e Cultura (NUPPEC), o que possibilita uma maior circulação por instituições voltadas à educação e à saúde mental.

Trabalhamos em conjunto há aproximadamente cinco anos, apostando constantemente no desejo de (re)contar-ouvir histórias. Na presença delas, instaura-se um espaço de invenção de si, no encontro com o outro. Entendemos que o sujeito faz-se de histórias - a começar pelas narrativas que lhe antecedem e que o situam em certas significações. Cada sujeito, em seu tempo e lugar, de uma forma singular, pode apropriar-se destas histórias, dando-lhe novos contornos e imprimindo sua marca de autoria.

Aqui interessa referirmo-nos brevemente à noção de constituição psíquica. Lacan (1957/1995) e Freud (1914/1990) apontam para o nascimento do bebê humano como um tempo em que o “eu” não está constituído - sua formação se dá na relação com os outros. Para que o sujeito se constitua, é necessária a presença de alguém que preceda o bebê, que o deseje e que espere algo dele. Em outras palavras, para que o *infans* se inscreva no laço social e se constitua como desejante, alguém, desde fora, precisa dizer "este és tu", antes do sujeito poder sustentar essa posição. Assim, cria-se as condições para que, mais adiante, ele possa se posicionar frente ao lugar que lhe foi designado. O bebê, ao ser enlaçado no desejo do Outro, está imerso na linguagem e se prende ao significante, o que, de acordo com Rodolfo (1990), é a única forma do sujeito viver. Dessa forma, ao ser inserido no mundo, para nascer enquanto sujeito, o bebê precisa ser inscrito em uma narrativa.

É amparado nessa concepção que o coletivo de contação de histórias *Com Fio no Conto* constrói seu trabalho, justamente porque as narrativas são condição de possibilidade para a nossa existência enquanto sujeitos, no movimento de sermos contados e nos contarmos. Buscamos, assim, criar condições para compartilhar e fiar

histórias em conjunto - apostando na potência das marcas que cada criança pode fazer na outra, amparadas no universo das histórias.

Como forma de nos prepararmos para a oficina, pesquisamos histórias da literatura que se aproximem dos interesses das crianças, elaboramos roteiros para cada história e criamos personagens e cenários que possam ajudar a criança a adentrar no mundo ficcional que oferecemos. Buscamos, assim, explorar formas variadas de contar histórias, aventurando-nos por linguagens cênicas diversas. Junto a isso, contamos com um elemento fixo nas oficinas: um grande livro com páginas de feltro, no qual torna-se possível construir, em parceria com as crianças, o cenário de cada história. Tal livro nos auxilia na marcação das bordas da ficcionalidade, acompanhado de nossa música-tema, o que permite inscrever temporalmente, junto das páginas que se abrem e se fecham, os começos e os finais das oficinas de contação.

Durante a oficina, convidamos as crianças a participarem ativamente da narrativa contada: interferindo, criando, alterando, escapando, retornando, subvertendo ou transgredindo os enredos; ou seja, ainda que o coletivo se proponha a contar histórias que já existiam anteriormente à oficina, o ato de contar é sempre atravessado pelas manifestações da criança. Apostamos que o convite à ficcionalidade, no espaço da oficina, contribui para que as crianças possam exercer a posição de sujeitos desejantes, em que, a partir de uma história compartilhada, possam, desde sua condição de autoria, subvertê-la e recolher elementos para alargar suas possibilidades de ser e estar no mundo.

Enquanto metodologia de trabalho, pensamos a oficina de contação de histórias, inspiradas no teatro, a partir dos jogos de posições palco-plateia. Assim, no início de todo o encontro com as crianças, propomos uma forma específica de organização do espaço e, com isso, pretendemos bordejar o campo ficcional da história. Consideramos, em um primeiro momento, a posição de palco ocupada pelas contadoras escolhidas para compartilharem uma narrativa de literatura; e a posição de plateia ocupada pelas crianças junto das demais contadoras. Além disso, quando se faz necessário, as contadoras deslocam-se entre esses espaços e ajudam na organização corporal bem como no alargamento da produção desejante das crianças. Ainda que, para fins de escrita, façamos tal separação, apostamos em uma certa indiscernibilidade entre essas posições.

Dessa forma, temos em vista a criação de um espaço de encontro, a invenção de um texto comum e a instauração de uma superfície; propomos um brincar - e com isso, abrimos espaço para a elaboração e também para construção de si. Cabe situar que o brincar é um tema caro à psicanálise. Ele é um dos pilares da clínica psicanalítica com as

infâncias, entendido como movimento que possibilita que a criança enderece suas questões, expresse suas conflitivas e encontre meios para a elaboração simbólica. Um dos psicanalistas que nos ampara na proposição do brincar da oficina é Ricardo Rodulfo. Para ele, o brincar é uma prática significativa e inclui diversas funções, a começar pelo movimento ativo de fabricação de si, de reconhecimento de um corpo - assim, aposta em um processo de subjetivação do sujeito que acontece no encontro com o outro (RODULFO, 1990). Dessa forma, Rodulfo aponta o brincar na infância como algo que opera, além da elaboração simbólica, como movimento de inscrição subjetiva.

Nessa perspectiva, propomos com o dispositivo da oficina a criação de um meio para que o brincar possa ter lugar, entendendo-o não como natural, mas como um trabalho psíquico, visto que depende de condições importantes para sua emergência. Assim, incentivamos o exercício de alternância presença-ausência, a brincadeira de nomeação das bordas corporais e o trânsito entre posições contadoras-plateia; para tanto, nos amparamos nas histórias da literatura, assim como o encontro entre as crianças.

Um operador conceitual que tem nos ajudado a pensar nessa movimentação em oficina é o de fenômenos transicionais de Winnicott (1975). Para o psicanalista, os fenômenos transicionais constituem uma zona intermediária da experiência presente no desenvolvimento emocional do bebê, em que as posições dicotômicas eu-outro cedem para trazer em cena, justamente, o jogo entre posições. Esses fenômenos têm lugar, desde as primeiras explorações do bebê com seu corpo, chegando até a ligação com um brinquedo, tendo a satisfação autoerótica como uma de suas bases. Os fenômenos transicionais desdobram-se entre o subjetivo e o objetivo, entre realidade interna e externa, entre eu e outro e possibilitam a criação do senso de unidade do sujeito. Para além da presença na vida do bebê, eles são conservados na "experimentação intensa que diz respeito às artes, à religião, ao viver imaginativo e ao trabalho científico criador"(WINNICOTT, 1975, p. 30). Assim podemos entender os fenômenos transicionais como associados, de uma forma mais ampla, ao viver criativo.

Nossa intencionalidade em oficina, nesse sentido, reside em construir um espaço transicional (WINNICOTT, 1975), onde, no decorrer da contação, as posições de contador-plateia possam se misturar e se confundir. Propomos a criação de um espaço transitivo onde a criança é convocada, desde sua singularidade, a tecer uma posição e costurar diferentes lugares na cena - tendo como ponto de partida o oferecimento de uma história da literatura que é narrada pelas contadoras. Assim, a contação de histórias, tem como objetivo produzir um encontro entre aquele que conta e aquele que escuta,

entendendo que o propósito do trabalho se dá justamente no trânsito entre contador-ouvinte e no brincar em oficina. Com referência aos fenômenos transicionais, criamos um espaço que, desde sua indecibilidade de posições, instauram um brincar.

Michèle Petit, antropóloga francesa com um vasto estudo em torno das práticas de leitura, sobretudo na América Latina, ao abordar os fenômenos transicionais de Winnicott, propõe que

"(...) o que a biblioteca e a leitura oferecem é precisamente isto: um espaço real e metafórico onde a pessoa se sente suficientemente protegida para poder ir e vir livremente, sem perigo, para se abandonar à fantasia e ter a mente em outro lugar. A biblioteca oferece um espaço e propõe objetos, objetos culturais, de que podemos nos apropriar, que podemos provar."
(PETIT, 2013, p. 69)

Essa liberdade e oferecimento que o encontro com a literatura convoca é ponto importante no nosso trabalho. Reconhecemos a potência de tomarmos as narrativas como histórias abertas, como superfícies porosas (RODULFO, 1990) e disponíveis às intervenções das crianças. Em outras palavras, podemos dizer que, assim como as crianças se ancoram na narrativa familiar, sendo subjetivadas pelo que recolhem da fantasmática parental e familiar, elas podem encontrar, nas histórias, elementos para se subjetivarem, subverterem significações e comporem seu processo constitutivo. Assim, a partir da proposição em oficina de um brincar com as histórias, desde o laço entre crianças junto das contadoras, a literatura pode operar como uma superfície, como um texto, onde é possível recolher dela elementos subjetivantes, já que ela situa possibilidades de ser e estar no mundo. Nessa via para além do que a história traz, quando acolhemos a intervenção de uma criança, reconhecemos seu gesto de autoria em direção à narrativa. Dessa forma, podemos entender que as narrativas podem ser habitadas pela criança, possibilitando que ela se reconheça e altere a trama ficcional, exercitando seu movimento ativo de sujeito desejante através das infinitas possibilidades do brincar - com as histórias, com as contadoras e com as demais crianças do grupo.

Referências:

FREUD, S. [1914]. Sobre o narcisismo, uma introdução. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. XIV, p. 83 - 119.

LACAN, J. [1956 - 1957]. *O Seminário, livro 04, A relação de objeto*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

PETIT, M. *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público*. Editora 34: São Paulo, 2013.

RODULFO, R. *O brincar e o significante. um estudo psicanalítico sobre a constituição precoce*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1990.

WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. Trad. J. O. A. Abreu e V. Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975.